



Identidade Social e a Modernidade

Social Identity and Modernity

Valquiria dos Santos Ribeiro

Resumo: Este trabalho visa analisar como a sociedade moderna se organiza, com toda sua dinâmica e seus momentos de transição e transformação. Em busca dessa explicação, foi necessário adentrar na questão da modernidade e até mesmo da tão discutida pós-modernidade, seus pontos e contrapontos, com o objetivo de se chegar a um entendimento sobre essa “complexidade” que avança sobre o dito “ser pós-moderno”. Foi feita uma análise a respeito da identidade social, estudando a transição entre as formas de identificação dessa geração. Neste propósito, abre-se espaço para a análise da cultura: o que esse termo significa e qual sua função perante a sociedade. Para vivenciar um mundo socialmente moderno e culturalmente diversificado, é preciso entender o que é modernidade e seu grau de influência, tendo como base a cultura do passado e a que está sendo vivenciada pelo povo atualmente.

Palavras-chave: sociedade; modernidade; cultura.

Abstract: This paper aims to analyze how modern society is organized, with all its dynamics and its moments of transition and transformation. In search of this explanation, it was necessary to delve into the question of modernity and even the much-discussed postmodernity, its points and counterpoints, with the goal of achieving an understanding of this “complexity” that advances upon the so-called “postmodern being.” An analysis was conducted regarding social identity, studying the transition between the forms of identification of this generation. With this purpose, space is opened for the analysis of culture: what this term means and what its function is within society. To experience a socially modern and culturally diversified world, it is necessary to understand what modernity is and its degree of influence, based on the culture of the past and the one currently being experienced by the people.

Keywords: Society; modernity; culture.

INTRODUÇÃO

Hoje se apresenta uma sociedade cada vez mais complexa, com grandes avanços na área da ciência e da tecnologia, dentre outros fenômenos que tem afetado a vida da população provocando uma mudança cada vez mais brusca da cultura passada para a cultura do presente, uma cultura cada vez mais desapegada da de seus antepassados, uma cultura que se apresenta egocêntrica e individualista.

Nesta nova sociedade, a conhecida “sociedade moderna” encontra-se muitas indagações e questionamentos a respeito da forma como a mesma se apresenta, cada vez mais desumana, fria e distante.

Com advento dessa condição de modernidade fica o embate sem saber o que é e o que significa ser moderno ou até mesmo pós-moderno, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pela vida social como a miséria, o desemprego, a perda de valores como religião, família e compromisso e o respeito. A perda da identidade é uma grave consequência deste tempo.

Stuart Hall (2005) apresenta três concepções de identidades sociais e como foi a sequência entre as mesmas, primeiramente ele fala sobre o “sujeito do Iluminismo” como um ser unificado, inalterado; depois sobre o “sujeito sociológico” um ser entre o mundo pessoal e o mundo público, onde inicia-se a fragmentação e por último o sujeito pós-moderno que não apresenta uma identidade fixa ou permanente, é visto como uma “celebração móvel”, um sujeito em transição. Segundo o mesmo:

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vivida” quanto “conceptualizada” de forma diferente (Hall, 2005, p. 24-25).

O objetivo deste trabalho é entender como está à dinâmica social, como a mesma se organiza e avaliar como está o intercâmbio entre modernidade e cultura nessa sociedade que se apresenta, reconhecendo como a mesma se organiza, identificando o papel da cultura na vida em sociedade e analisando o fenômeno da modernidade sobre a sociedade. Descrevendo como a sociedade atual está organizada e sua relação entre modernidade e cultura.

Se desenvolveu como uma pesquisa básica, que segundo Silva e Menezes (2001) objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Do ponto de vista de seus objetivos, de acordo com Gil (1991) *apud* Silva e Menezes (2011) é uma pesquisa exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve, portanto, o levantamento bibliográfico que de acordo com Gil (1991) *apud* Silva e Menezes (2001) é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.

Espera-se com o desenvolvimento deste trabalho, contribuir para o avanço das discussões a respeito da temática, levando a sociedade a questionar seu modo de vida e o grau de influência que a modernidade traz às suas vidas. Levar as pessoas a reconhecerem o valor da cultura e sua influência na constituição social.

O esclarecimento dessas questões, o entendimento sobre a sociedade moderna e a valorização da cultura vem como uma alternativa positiva de manter ou até mesmo resgatar o modo de vida saudável e amigável vivenciado antes desta era.

No mundo moderno, ter em mente o que significa e a importância da valorização da cultura permite formar uma sociedade mais ciente de si mesma, de seus direitos e deveres, uma sociedade sem preconceitos. Em uma sociedade consciente fica difícil haver a exploração entre os povos.

SOCIEDADE MODERNA?

Na atualidade estar-se diante de uma complexa sociedade conhecida como sociedade moderna ou até mesmo pós-moderna, onde de acordo com Hall (2005, p. 15) “as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Bermam (1986) lembra “a experiência da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana.” (Berman, 1986, p. 15)

Porém segundo o mesmo autor, esta é uma unidade paradoxal, uma unidade de *desunidade*. Onde ao tempo que se une se separa. Uma sociedade onde prolifera o individualismo. Aqui está a essência da sociedade atual, o ser humano em sociedade estar muito próximo uns dos outros no que diz respeito à vida social, no entanto cada qual aponta um sentimento “cada um por si”, o ser egocêntrico, individualista.

Então na sociedade da atualidade o individualismo tem crescido mais e mais, e tem se tornado um problema deste tempo que traz consigo o desapego pela família, pelos seus valores, pelos costumes e pela forma de cultura de seu povo. A sociedade atual perde gradativamente sua identidade.

Stuart Hall (2005, p. 09) enfatiza:

Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentração do sujeito.

De acordo com Hall (2005) essa disjunção do sujeito da vida em sociedade e de seu próprio convívio interno tem formado o sujeito confuso, sem ligação com mundo ao seu redor. O sujeito sem identidade.

Bermam (1986, p.11) ao descrever as fases da modernidade acentua que esta última, que vem a partir do século XX é uma modernidade que,

(...) à medida que se expande, público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas.

Sobre a visão de mundo da modernidade, cabe ressaltar que:

Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de *ilusão*, pois a *verdade* está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que

o *cúmulo da ilusão* é também o *cúmulo do sagrado* (Feuerbach — Prefácio à segunda edição de *A Essência do Cristianismo* In Guy Debord — A Sociedade do espetáculo – 1931- 1994).

Esta é uma forma de pensamento que descreve bem este período na história da modernidade o que antes era visto com valor, respeito e pertencimento hoje não passa de falácias arcaicas. A vida moderna se apresenta como algo móvel onde tudo nos é fácil, mas, no entanto ao mesmo tempo distante. Entender o mundo moderno se apresenta como algo muito complexo assim como entender a consciência da população que vive imersa a tudo isso, será que a mesma tem consciência da sua *não-consciência* perante essas transformações sociais, ela própria se dá conta desse processo ou está simplesmente sendo levada por ele?

Lane (2006) em seu livro “O que é psicologia social?” faz uma analogia a respeito deste tema. Será que a humanidade, o indivíduo sabe explicar quem é si próprio? Que tipo de cidadão o mesmo se considera? De acordo com a mesma só se pode alcançar a consciência social se antes for adquirir a consciência individual e para que isso ocorra, como destacado pela mesma,

(...) precisa-se entender alguns aspectos básicos de comportamento social como: a linguagem, o pensamento, a representação que fazemos do mundo e a própria consciência, como processos psicológicos fundamentais para a nossa relação com os outros (Lane, 2006, p. 24).

Se situar no mundo moderno como um ser consciente de si mesmo e de suas ações é fundamental para o bom andamento da modernidade sadia e envolvente. Viver a modernidade sem se tornar um parasita da mesma e ter em mente que este ideário não alcançou toda a sociedade é ser um verdadeiro cidadão moderno. E para se chegar a esse entendimento tem-se que conhecer a cultura, não como uma tradição mas como um modo de vida.

Como dito por Santos (1949), entender a cultura passada e presente é fundamental para se prever a precedente. Segundo o mesmo, entender a cultura requer ter em mente toda a sua riqueza e multiplicidade e formas de riqueza. A cultura expressa e diferencia as realidades sociais por mais complexas que se encontram. Segundo Santos (1949), o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. Algo necessário a vida social na era moderna.

Santos (1949, p. 08) destaca: “(...) cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.”

Neste ponto entender cultura é fundamental quando se busca entender a dinâmica social da modernidade. As “culturas” são as manifestações de vida de um povo, são suas relações sociais e para entender os rumos deste processo no mundo moderno ou pós-moderno que se contempla tem-se que recorrer a seus conhecimentos.

CULTURA X MODERNIDADE (SOCIEDADE DA CONTEMPLAÇÃO)

A sociedade atual vive um momento de contemplação de si mesma, um instante de junção e separação ao mesmo tempo, são olhares diversos em meio a tantas ações em busca de momento, está-se no “espetáculo principal”.

Como expõe Debord, (1931-1994):

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto arte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falta de consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada.

Mas o que é o espetáculo nesse ambiente? O que o mesmo representa como forma de poder?

Como afirma Debord (1931-1994) o espetáculo em sua totalidade, representa ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. “Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita da produção, e no seu corolário - o consumo.”

O espetáculo são as ações praticadas pela sociedade de poder sobre as menos desprovidas, como forma de manipulação, gerando o sentimento de impotência. Como destaca o autor, o espetáculo, nesse contexto, é criado por pessoas para pessoas, midiatisadas por imagens. Propagandas por exemplo, são moldes criados pela sociedade para robotizar um povo, sendo que mesmo quem o imagina também vive a sua mercê e disposição.

Por isso a complexidade do mundo atual, não ter noção de seu próprio modo de ser, a perca ou mudança de identidade, o crescimento da individualidade, ao mesmo tempo em que se dá a homogeneidade total.

Como diz Debord, (1931-1994), “No mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso.”

Nesse ambiente, qual o papel da cultura? Cultura no sentido de “modo de vida” de um povo, suas ações? Nesta sociedade que se percebe cada vez mais evidente a necessidade de se conservar ou resgatar valores. Quem tem convicção do que se é não se deixa dominar ou usurpar, o mundo vive esse momento de contemplação de se mesmo justamente por que o povo vem se deixando dominar. Se é hoje, seguindo os ditames da sociedade, um grupo homogêneo com suas heterogeneidades, ou seja, segue-se um modelo já premeditado, conservando-se suas particularidades. Mas o que é cultura, nesse ponto de vista?

De acordo com Ferreira (1913-1989) cultura é: “O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc. transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade”.

De acordo com Santos (1949), cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos dias atuais. Em uma sociedade cada vez mais informatizada, complexa, homogênea e heterogênea ao mesmo tempo, se vê mais acentuado o valor e também a desvalorização da cultura, dos costumes, das tradições. Com isso também cresce as formas de autoafirmação e identidades fluídas.

Nesse contexto entender (compreender) a cultura é primordial para se aceitar os demais grupos, independentes, entender que os demais são parte fundamental e complementar da sociedade. Como afirma Santos (1949):

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. (...) Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

Outro ponto importante, mencionado pelo mesmo autor é que “não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras” (Santos, 1949. p. 17-18).

Portanto de acordo com Santos (1949), o termo *cultura* se apresenta com duas concepções, uma que envolve todos os aspectos da realidade social (relacionado a realidades sociais distintas, por exemplo, comunidade camponesa) e a segunda que se refere ao conhecimento, ideias e crenças de um povo (diz respeito a uma esfera, um domínio da vida social, exemplo uma cultura alternativa).

Nesse ponto de vista, cultura não é uma construção isolada, feita na individualidade, são grupos que formam sua essência. Isso é o diferencial nesta era, conservar esta homogeneidade nesse ambiente diverso e confuso. Cultura, de acordo com o autor, não apresenta um só significado, que faz a junção entre todos os modos de vida. Nas palavras de Santos (1945) “notem também que nem cultura é a mesma coisa lá e aqui, nem seu significado é igual em ambos os casos.” Isso é o esperado em uma sociedade totalmente dinâmica e mutável. Viver uma cultura é estar ciente de seu espaço, de suas ligações, de sua complementaridade dentro do espaço vivido e vivenciado. Compreender cultura é isso, ter noção da diferença e de sua importância, está nessa diferença a principal peça de construção de uma sociedade saudável e harmoniosa.

Cultura e modernidade vivem em paralelo, de um lado busca se viver as diferenças, respeitando-as como complementar; de outro a busca por uma sociedade acrítica, submissa e tolerante, onde se busca a igualdade de conceitos, a transição de conceitos e também a produção de novos ideais. Assim se apresenta a sociedade atual, totalmente diversificada, vivendo na busca por uma mentalidade única e passível, uma sociedade do lucro, do poder e do prazer, sem comprometimento. Uma sociedade de momentos.

Como destaca Berman (1982):

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.

Em resumo, a vida ficou mais movimentada, aparentemente mais produtiva com a modernidade. De acordo com Berman (1982), a indústria se desenvolveu, as descobertas científicas também, os Estados se tornaram cada vez mais estruturados, acentuando seu poder, dentre outros fenômenos, positivos e negativos. Desde quando surgiu, ou quando foi percebida, ela apresenta três fases que de acordo com o autor foram, no primeiro momento, do inicio do século XVI até o fim do século XVIII, onde as pessoas estavam apenas começando a sentir o progresso, não faziam ideia do que as atingiu, entram sem questionamentos. A segunda fase vem com Revolução Francesa, onde o povo experimenta uma era revolucionária em todos os níveis sociais, a população vive esse momento ainda tendo em mente o que era vivido antes, seu passado. Nesse período eles vivem a dicotomia de viver em dois mundos diversos. Já no século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, onde o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos. Esta própria era moderna perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.

A modernidade invadiu o mundo social, hoje de acordo Berman (1982), “Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade.” Hoje em sociedade a vida se traduz em mobilidade, atitude, renovação e adaptabilidade em busca de seu próprio desenvolvimento ou de sua própria sobrevivência nesse ambiente hostil.

De acordo com o autor, fundamentado em Marx e no advento do capitalismo nesse ambiente, esse aspecto de modernidade “força o *autodesenvolvimento* de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida.” A modernidade vive na sociedade e é produzida e sustentada por ela e a mudança permanente é seu ponto forte, sua identidade. Com o avanço do capitalismo, por volta do XVIII, à medida que os povos eram submetidos a novas formas de comportamento se desponta os estudos sociológicos com o objetivo de entender essa dinâmica social, como eram as novas formas de organizações sociais.

Segundo Martins (1994), a sociologia é uma das manifestações do pensamento moderno, que vem a ser mais empenhada após a revolução industrial quando a vida em sociedade se apresentava conflituosa, ou seja, quando a sociedade começou a ser vista como um objeto de estudo, de investigação. Essa transição pode ser identificada quando há mudança nas formas culturais do povo, quando se nota um distanciamento entre o que se vivenciava no passado e o que se vivencia no presente.

MODERNIDADE E IDENTIDADE

Com a modernidade vem o advento do capitalismo ou vice-versa, ambos são conectados e não se fala de um sem mencionar o outro. Sendo assim todas essas transformações provocadas pela globalização fizeram surgir um novo indivíduo, com características mutáveis e diversificadas.

Por meio do consumismo acelerado tem-se modificado todo o mercado mundial e a mentalidade das pessoas. Como afirma Anthony McGrew (1992) *apud* Hall (2005):

(...) a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Todo esse processo global tem invadido todas as partes do globo, até mesmo às comunidades mais remotas, trazendo consigo a ideia de que distâncias são encurtadas e que o novo estilo de vida, ditado pelo mesmo traz o prazer, o luxo, traz “o moderno”.

Hall (2005) aponta três possíveis consequências, sobre as identidades culturais, que são: as identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado da homogeneização cultural; as identidades nacionais e outras identidades locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização e; as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas- estão tomando seu lugar.

A globalização faz surgir então uma sociedade dividida, uma sociedade de “identidades” sempre em transição.

Hall (2005) argumenta que, segundo outros estudiosos da temática:

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes a apagar, as identidades nacionais.

O que está-se produzindo, segundo Hall (2005), “(...) é uma multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuantes, (...). Vive-se hoje em dia em uma sociedade “navegante” de um oceano desconhecido, uma sociedade que por um lado apresenta-se ativa e de outro ponto totalmente passiva e receptora de todo tipo de opinião e costume.

Hall (2005) acentua:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as identidades se tornam

desvinculadas – desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

Na atualidade fica cada vez mais difícil adquirir uma identidade estável, pois, a vida ao se apresentar mais urbana e consumista fez surgir novos costumes e aproximar através da mídia informatizada, aqueles que viviam desvinculados.

O ser humano em meio a esse cenário procura sua independência e acaba deixando seu local de origem, seus costumes para dotar outros considerados por ele melhores e mais modernos que os de outrora. Essa é a grande maleabilidade da época, pode alternar de um momento para o outro sem maiores complicações, como afirma Bauman (2000) “não podemos tolerar o que dura”. Interrupção, incoerência, surpresa são condições comuns de nossa vida. (Bauman, 2000). De acordo com o mesmo, a vida na era moderna é líquida, urgente, impiedosa e como afirma Marx (1982), uma sociedade onde “tudo que é sólido se desmancha no ar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade produziu uma sociedade mutável e diversificada, provocou um rompimento com a cultura anterior, com os conceitos firmes e sólidos de outrora, fazendo surgir o indivíduo de possibilidades, como exemplo, o “iluminado” do século XVIII, um indivíduo observador, nostálgico, um ser do mundo, adentrando a uma cultura “profana”, ou seja, se afastando do poderio da Igreja.

Nesse meio o homem pode descobrir seu espaço, concretizar ideias inovadoras, explorar recursos, onde tudo é de todos e tudo está em todos (antropocentrismo), mas, ao mesmo tempo tornam-se vítimas de suas formulações e ideais. O indivíduo não tem para onde ir, ou seja, seus laços foram rompidos, aqui as “luces” são inacessíveis, o globalizante, o consumível o toma de si próprio. Surge então o que se apresenta: uma sociedade multiforme, com identidade maleável, com um indivíduo confuso, em perpetua busca pelo novo mundo, pelo conhecimento, pela felicidade, pelo prazer (...). Hoje “culturas” compõem a cultura desse espaço de atuação do homem moderno e o mesmo se vê obrigado a aceitar, a viver de acordo com as normas globais impostas, isso até inconscientemente.

Modernidade e identidade cultural vivem em constante embate, a identidade do indivíduo hoje é moldada pelo próprio sistema moderno, a individualidade é constante e a liberdade vigiada ou orientada pelos ditames do próprio sistema. Paralelamente a esses acontecimentos a modernidade também possibilitou rompimento com o passado abrindo caminhos para o novo, para as descobertas, para a ciência, enfim para a expansão do conhecimento. Vive-se um período de fluidez, onde o indivíduo segue um padrão de liquidez absoluta, como afirma Bauman (2000). Um cenário em constante mudança. Vive-se em travessia permanente e com muitas direções, cabendo ao indivíduo tomar a decisão.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro Título original: Liquid Modernniy .Tradução autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, de Oxford, Inglaterra.
- BERMAN, Marshall [1982]. **Tudo que é sólido desmacha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DEBORD, Guy (1931-1994). **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução em português: www.terravista.pt/IlhadoMel/1540 Paráfrase em português do Brasil: Railton Sousa Guedes – Coletivo Periferia –WWW.geocities.com/projetoperiferia - Editorações, tradução do prefácio e versão para eBook e eBooks.com – Fonte Digital base –Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia - 2003.
- FERREIRA, Ferreira Buarque de Holanda, 1910-1989. **MiniFerreira Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**/ Ferreira Buarque de Holanda Ferreira: coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira: lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al]. 4. Ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social** / Silvia T. Maurer Lane. — São Paulo: Brasiliense, 2006. — (Coleção primeiros passos; 39)
- MARTINS, Carlos Benedito. **O Que é Sociologia?** / 38^a ed. – São Paulo. Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** / 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 89 p. (Coleção Primeiros Passos; 110) ISBN 85 – 11 – 01110 – 2
- SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/ Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.